



**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE ENFERMAGEM**
SEÇÃO CEARÁ

**20º Congresso Cearense
de Enfermagem 29º
Convenção Interiorana
de Enfermagem
14ª Semana de
Enfermagem da
Universidade do Vale do
Acará (UVA)
1º Seminário Gestão e
Liderança em
Enfermagem Hospitalar**

DOR E PERTENCIMENTO: CORRELAÇÕES ENTRE EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO E SAÚDE MENTAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Gisele Nogueira Gomes 1

Patrícia Silva Pereira 2

Eliany Nazaré Oliveira 3

Ana Beatriz dos Santos Costa 4

Antônia Tália Santos de Sousa 5

1. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará. Brasil. Apresentador.
2. Enfermeira. Programa de Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará. Brasil.
3. Enfermeira. Professora, Doutora do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará, Brasil.
4. Enfermeira. Graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA 5. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Sobral, Ceará. Brasil

INTRODUÇÃO: A discriminação racial constitui um fenômeno social estruturante que impacta diretamente a vida de indivíduos racializados, com destaque para estudantes universitários negros, frequentemente expostos a situações de preconceito em diferentes espaços institucionais e sociais¹. Essas vivências de racismo produzem repercussões significativas na saúde mental, associando-se ao sofrimento psíquico, aumento de sintomas ansiosos, tristeza persistente e aos prejuízos no bem-estar emocional². Além de configurar uma forma de violência social, o racismo atua como determinante de adoecimento mental, comprometendo o processo formativo e o desempenho acadêmico desses estudantes. Soma-se a isso o agravamento de vulnerabilidades sociais que repercutem no planejamento de vida e na inserção no mercado de trabalho, frequentemente atravessados por sentimentos de

inadequação e pela internalização de barreiras estruturais que limitam a percepção de pertencimento e de capacidade de contribuição social^{1,2}. OBJETIVO: Analisar a correlação entre indicadores de saúde mental e experiências de discriminação racial vivenciadas no contexto institucional e nas interações sociais entre estudantes universitários. MÉTODO: Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo, desenvolvido com uma amostra de 829 estudantes regularmente matriculados em cinco instituições de ensino superior, públicas e privadas, no estado do Ceará. Foram elegíveis participantes com idade igual ou superior a 18 anos, vinculados a cursos de graduação no período de coleta de dados. Foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: o Mental Health Inventory (MHI-38), que avalia dimensões positivas e negativas da saúde mental, incluindo bem-estar psicológico, ansiedade, depressão, vínculos emocionais e perda de controle emocional/comportamental; e a Escala de Discriminação Racial, voltada à mensuração da frequência de experiências discriminatórias em diferentes contextos sociais, como ambiente educacional, serviços de saúde, mercado de trabalho e espaços públicos. As análises priorizaram a distribuição das experiências de discriminação racial segundo raça/cor autodeclarada, bem como a relação dessas vivências com os indicadores de saúde mental mensurados pelo MHI-38. Os dados foram organizados em banco eletrônico e submetidos à estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas, médias e medidas de dispersão. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú, sob Parecer nº 6.279.258, e conduzido em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. RESULTADOS: A análise dos dados da Escala de Discriminação Racial evidencia padrões relevantes nas respostas dos participantes diante de situações de tratamento injusto. No item que investiga a tendência à naturalização ou ao enfrentamento dessas experiências, observou-se predominância de respostas indicativas de postura ativa frente à discriminação, independentemente da cor/raça. Entre os participantes autodeclarados pretos, 77,7% (n=80) relataram adotar estratégias de enfrentamento, o que pode refletir maior exposição a essas situações e, conseqüentemente, maior necessidade de desenvolver mecanismos de resposta. Esse achado dialoga com estudos que apontam que estudantes negros, diante de experiências recorrentes de discriminação no contexto universitário, tendem a desenvolver formas de resistência e enfrentamento como estratégias de permanência e sobrevivência institucional^{1,3}. No que concerne ao enfrentamento emocional, especialmente no que se refere ao compartilhamento ou silenciamento das experiências discriminatórias, também se verificou predominância do compartilhamento com outras pessoas, com maior frequência entre

participantes autodeclarados pretos (77,7%; n=80). Esse dado sugere que as experiências de discriminação racial tendem a ser elaboradas não apenas no plano individual, mas também por meio de redes de apoio e trocas sociais, configurando estratégias coletivas de enfrentamento. Tais práticas podem atuar como fator de proteção parcial frente ao sofrimento psíquico, ao possibilitar a ressignificação das experiências vividas⁵. Contudo, a presença dessas estratégias não implica neutralização dos efeitos do racismo. Ao contrário, evidencia a persistência de contextos marcados por desigualdades estruturais, nos quais indivíduos racializados são continuamente convocados a mobilizar recursos emocionais e sociais para lidar com experiências de exclusão e injustiça. Nessa perspectiva, o enfrentamento, ainda que ativo, pode coexistir com processos de desgaste psicológico, sobretudo quando inserido em contextos de repetição e cronicidade da discriminação. Estudos sobre racismo institucional no ensino superior reforçam essa compreensão ao demonstrarem que essas experiências produzem repercussões que extrapolam eventos pontuais, afetando trajetórias acadêmicas, subjetividades e condições de saúde dos estudantes negros^{1,2}. A análise das associações entre discriminação racial e saúde mental, realizada por meio do teste de Correlação de Pearson, revelou correlações negativas e estatisticamente significativas entre as dimensões da Escala de Experiências de Discriminação Racial e os indicadores do MHI-38. Observou-se que o aumento das experiências discriminatórias está associado à redução do bem-estar psicológico e ao agravamento de sintomas de sofrimento mental, incluindo ansiedade, depressão, distresse psicológico e perda de controle emocional e comportamental. Entre os achados mais expressivos, destacam-se as correlações com depressão ($r = -0,136$), distresse psicológico ($r = -0,131$) e perda de controle emocional ($r = -0,122$). Embora os coeficientes indiquem associações de baixa magnitude, a consistência dos resultados entre múltiplas dimensões da saúde mental reforça a relevância do fenômeno. Esses resultados encontram respaldo em estudos que identificam associação consistente entre experiências de racismo e piora de indicadores de saúde mental em estudantes do ensino superior, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e sofrimento psicológico^{4,5}. Em estudos populacionais, especialmente aqueles que abordam determinantes sociais da saúde, associações de menor magnitude podem representar impactos significativos quando consideradas em nível coletivo e em contextos de exposição contínua. Os resultados apontam que estudantes mais expostos à discriminação racial tendem a apresentar maior vulnerabilidade psíquica, expressa por sintomas como tristeza persistente, ansiedade, esgotamento emocional e dificuldades de autorregulação. Esse padrão corrobora a compreensão do racismo como um determinante social da saúde, cujos

efeitos se manifestam de forma cumulativa e atravessam diferentes dimensões da vida dos sujeitos, incluindo o percurso acadêmico^{3,4}. Além disso, os achados sugerem que o ambiente universitário, frequentemente concebido como espaço de inclusão e mobilidade social, também pode reproduzir desigualdades raciais historicamente estruturadas. A vivência de discriminação nesse contexto não apenas compromete o bem-estar psicológico, mas pode impactar o engajamento acadêmico, o sentimento de pertencimento institucional e a permanência estudantil, aspecto também evidenciado em investigações sobre racismo institucional universitário^{2,5}. Dessa forma, evidencia-se que, embora estratégias de enfrentamento — individuais e coletivas — sejam mobilizadas pelos estudantes, elas não são suficientes para mitigar os efeitos deletérios da discriminação racial sobre a saúde mental. Tal cenário aponta para a necessidade de ações institucionais que transcendam abordagens individualizantes e avancem na direção do enfrentamento estrutural do racismo, por meio de políticas de equidade, promoção de ambientes acadêmicos inclusivos e fortalecimento de redes de apoio psicossocial^{1,3,5}. CONCLUSÃO: Dessa forma, os achados reforçam que a discriminação racial constitui uma realidade frequente cujos efeitos ultrapassam o preconceito social, afetando diretamente a saúde mental, o bem-estar e a qualidade de vida dos estudantes universitários. Evidencia-se a necessidade de políticas antirracistas e de ações institucionais, como apoio psicossocial sensível às questões raciais, canais de enfrentamento ao racismo, formação antirracista e estratégias de permanência estudantil, a fim de promover ambientes acadêmicos mais inclusivos, equitativos e protetores da saúde mental.

REFERÊNCIAS:

1. Oliveira EN, et al. Discriminação racial e as experiências de estudantes universitários. *Saúde e Pesquisa*. 2025;18.
2. Guerra NEM, et al. O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. *Ciência Saúde Coletiva*. 2024;29(3).
3. Gomes N.L. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. *Filosofia Aurora*. 2021; 33 (59) 435-454.
4. Carvalho RF, et al. Race and Mental Health in Higher Education: A systematic review. *Research, Society and Development*. 2021,10 (9), e47710918369.
5. Alves PL, et al. Racismo e saúde mental no ensino superior: vivências, impactos e resistência. Ceará: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2025.

DESCRIPTORES: Saúde mental; Estudantes; Racismo;

EIXO TEMÁTICO: Racismo, equidade racial e saúde mental no contexto universitário.